

COMPOSIÇÃO AGROPECUÁRIA DA REGIÃO DE ANDRADINA (2000-2010)

Humberto Sampaio de Araújo

Eng. Agr., MSc. PqC do Polo Regional Extremo Oeste/APTA

humbertosaraujo@apta.sp.gov.br

Danton Leonel de Camargo Bini

Geógrafo, MSc. PqC do Instituto de Economia Agrícola/APTA

danton@iea.sp.gov.br

De meados do século XX ao começo dos anos 2000, como todo o oeste paulista, Andradina presenciou a hegemonia da pecuária bovina de corte no uso do solo pelas pastagens enquanto principal atividade de sua economia. Entre 2000 e 2010, com a baixa disponibilidade de áreas para a extensão dos canaviais nas regiões tradicionais, o extremo oeste paulista, igual à década de 1980, apresenta-se como o fragmento do território paulista mais propício para a anexação de objetos e ações do circuito espacial de produção canavieiro. Com terrenos que facilitam o corte mecanizado, a região apresenta as melhores possibilidades de custos relativos à expansão da cana-de-açúcar: a baixa ondulação do planalto ocidental à margem esquerda do rio Paraná condiciona o alcance das metas ambientais requisitadas pelo governo estadual.

Assim, este trabalho objetiva realizar uma contribuição para a tomada de decisões nas políticas públicas em estudo, como também apresentar uma base de atuação para as instituições estaduais e federais de fomento, pesquisa tecnológica e extensão rural. Enquanto prognóstico delimitado, se apresenta a necessidade de aumento da produção de alimentos para abastecimento do mercado regional.

Enquanto recorte geográfico define-se a região de Andradina como a área dos municípios próximos do governo do Estado de São Paulo, polarizada pelo município de Andradina. As

fontes utilizadas para a obtenção dos dados neste estudo foram: 1) o Banco de Dados do Instituto de Economia Agrícola (IEA) da Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo (SAA/SP) no caso de dados relacionados à composição agropecuária e 2) Instituto de Terras do Estado de São Paulo (ITESP) para informações sobre os assentamentos rurais.

Até o início dos anos 2000 a região de Andradina contava com a presença de três unidades agroindustriais de beneficiamento de açúcar e álcool. Grande parte das áreas agrícolas regionais em que se instalavam os canaviais fornecedores de matérias-primas para essas usinas substituiu pastagens degradadas subutilizadas com boiadas de recria e engorda prioritariamente. O mesmo aconteceu entre 2000 e 2010 quando novas áreas de cana-de-açúcar (Figura 1) foram demandadas tanto pelo alargamento da capacidade produtiva da infraestrutura existente nas usinas antigas como pelas três novas unidades construídas no espaço geográfico regional. Andradina, Castilho, Pereira Barreto, Ilha Solteira, Itapura e Nova Independência, possuidoras de baixíssimas densidades de canaviais no início da década, apresentam em 2010 uma extensa zona cultivada com a cultura em função da demanda surgida após a construção das usinas Santa Adélia, Ipê e Virálcool. Suzanópolis, pequeno município também deste entorno, após o recebimento da Usina Vale do Paraná, viu suas áreas rurais serem ocupadas por cana e contribuiu para o mesmo acontecer em suas áreas menos desenvolvidas.

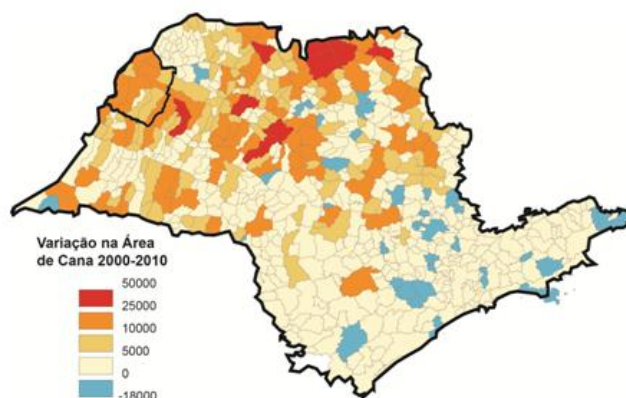


Figura 1. Representação da variação na área de cana-de-açúcar na Noroeste Paulista (2000-2010). Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA)

No caso da pecuária bovina de corte, com a redução das pastagens, intensifica-se o acabamento de animais em confinamentos e semi-confinamentos internos à região. E como acontecia com cria e recria desde os anos 1970, parte da boiada é transferida para propriedades em terras mais baratas, adquiridas pelos pecuaristas andradinenses, no Centro-Oeste e Norte do país.

Mesmo assim, a ocupação das pastagens continua hegemônica na região (Figura 2), conformando a relação entre cultura canavieira e pecuária bovina de corte sob intermediação dos proprietários de terra, no sistema cana-boi.

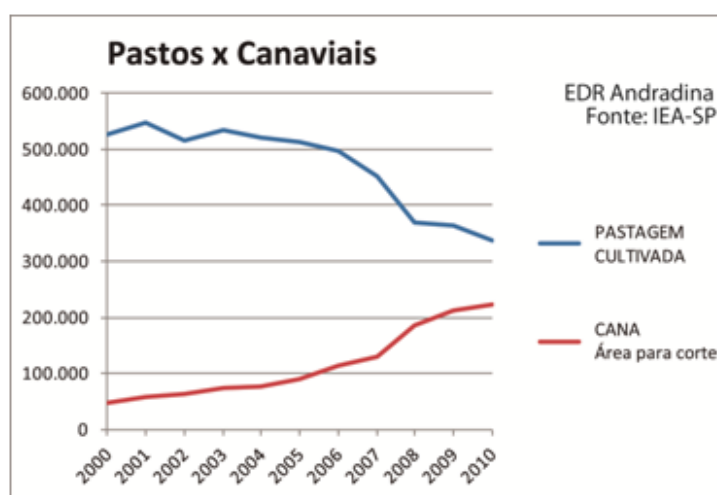


Figura 2. Composição Agropecuária Regional: pastagens e cana-de-açúcar (2000-2010).

No entendimento de que este sistema funciona prioritariamente para abastecer demandas de consumo, faz-se importante a compreensão de como se apresentam os outros circuitos de produção agropecuária em terras regionais. Assim, analisando esta distribuição, é possível verificar que as culturas alimentares, como aquelas que obtiveram a maior redução na ocupação do solo regional, foram as que mais perderam espaço, pois passaram de uma área de 44.366 hectares em 2000 para 35.651 hectares em 2010 (Figura 3).

O mesmo acontece com a fruticultura na região: durante esta primeira década do século XXI a quantidade de plantas caiu mais de 50%. Mantiveram-se no setor, principalmente, os agricultores familiares tradicionais organizados em associativismo, como os das colônias japonesas localizados nos municípios de Mirandópolis e Guaraçaí (Figura 4).

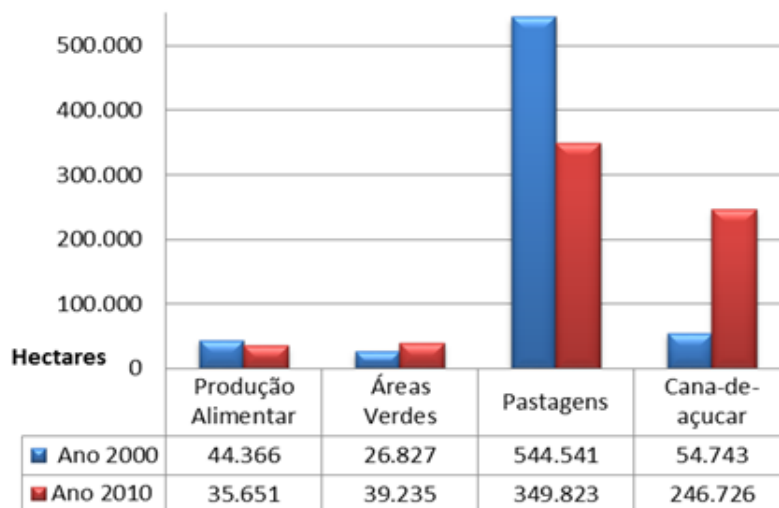


Figura 3. Ocupação do Solo Regional: pastagens, cana-de-açúcar, áreas verdes e culturas alimentares (2000-2010). Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA)

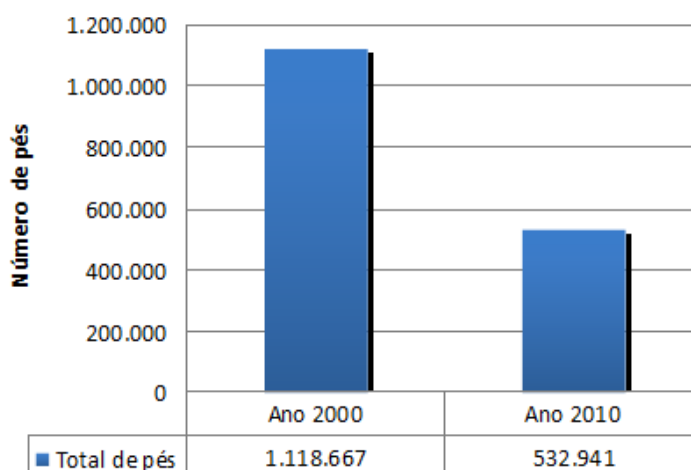


Figura 4. Ocupação da Fruticultura na Região de Andradina (2000-2010). Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

Destes números entende-se que as aproximadamente 3.500 famílias que desde os anos 1980 vieram conquistando suas terras nos 38 assentamentos de reforma agrária instalados na região¹, ainda não conseguiram transformar a paisagem da região muito além do sistema cana-boi. Mantendo em sua maioria as mesmas pastagens herdadas desde suas fundações nestes assentamentos, a pecuária bovina leiteira, enquanto principal atividade econômica coloca a região como a que mais expandiu a produção de leite no estado de São Paulo nos anos 2000 (Figura 5).

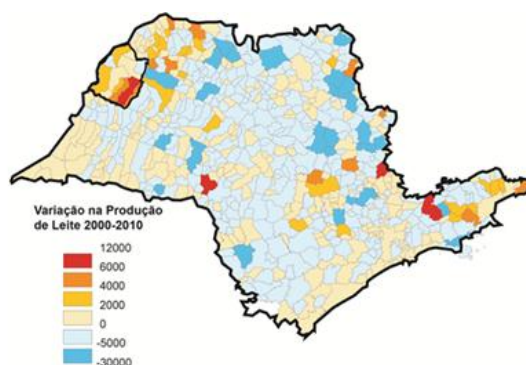


Figura 5. Representação da variação na captação leiteira no estado de São Paulo (2000-2010). Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

A região de Andradina, ao ofertar prioritariamente açúcar e álcool pelo setor canavieiro e carne através do setor pecuário fundamenta a característica do Brasil Agrícola de executar suas amarrações predominantes para a produção especializada de circuitos espaciais de produção globalizados. São estas atividades econômicas que capacitam, através das divisas obtidas, as aquisições das variáveis mais modernas do período, tanto internamente aos setores agroindustriais quanto ao restante da economia regional. Contudo, as benesses deste processo de modernização têm suas contradições. Com a revolução técnico-científica anexada à produção no campo se reduziu a demanda por mão-de-obra rural e a urbanização crescente expandiu a demanda por produtos alimentares antes obtidos pelo auto-abastecimento. Ora, como esta modernização da ocupação ocorre por meio da especialização produtiva seleta em poucos produtos regionalmente, a produção de uma cesta de alimentos básicos no entorno destas localidades não tem sido prioridade.

¹ Dado adquirido com técnico do ITESP em trabalho de campo em Andradina em setembro de 2012.

Referência Bibliográfica

INSTITUTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA -IEA, **Banco de Dados**. Disponível em <www.iea.sp.gov.br>. Acesso em 11. set. 2012.